

MATERIALIDADES, ORDENAÇÕES E FLUIDEZ EM TORNO DOS REFUGOS URBANOS



Dolores Galindo

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - Brasil

Alice Streit

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - Brasil

Brine Matos

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - Brasil

Bruno Santos

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - Brasil

Elarita Caroline

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - Brasil

Luciana Rosa

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - Brasil

Rita Borges

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - Brasil



Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir as estratégias colocadas em funcionamento para constituição e circulação de materialidades nos circuitos informais do reaproveitamento e da comercialização de resíduos urbanos que criam as condições de possibilidade para a emergência de fluidas ordenações espaciais e objetuais. Foram realizadas sete visitas de observação, cinco entrevistas e duas sessões de registros fotográficos nas instalações de uma residência-fábrica-comércio improvisado mantida por um comerciante informal de resíduos urbanos, residente em município de médio porte do interior mato-grossense. Foram analisadas quatro estratégias colocadas em funcionamento para constituição e circulação de materialidades: regionalizações, (des) pontualizações, manejo da heterogeneidade e apropriação de inscritores. Conclui-se que as estratégias de ordenação colocadas em funcionamento para constituição e circulação de materialidades nos circuitos informais são

suficientemente capazes de responder às dinâmicas de fluidez que caracterizam a complexidade mobilizada em torno dos refugos urbanos.

Palavras-chave: materialidades, ordenações, refugos urbanos.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir as estratégias colocadas em funcionamento para constituição e circulação de materialidades nos circuitos informais do reaproveitamento e da comercialização de resíduos urbanos que criam as condições de possibilidade para a emergência de fluidas ordenações espaciais e objetuais. O nosso trabalho se insere na vertente de estudos em teoria ator-rede interessada nos contextos não diretamente tecnocientíficos cujo foco é colocado sobre os coletivos e as redes heterogêneas do cotidiano (CALLON, 2008).

Tendo em vista contemplar o objetivo proposto, acompanhamos a trajetória de materialidades mobilizadas em uma instalação improvisada, espécie de casa-fábrica-comércio criada em torno do comércio informal de resíduos urbanos e de materiais produzidos, parcialmente, a partir dos mesmos. Trata-se de uma construção precária localizada em uma rodovia estadual, do interior de Mato Grosso, construída com madeira e outros materiais reaproveitados dos refugos da cidade, identificada pelos moradores como “um local de grileiros”, “aquela desordem” ou, ainda, como um “feio barraco”.

A primeira imagem das instalações analisadas é caótica, pois os pedaços de madeira, de lixo, pias e manilhas dividem o espaço com cachorros, mesas de bilhar e garrafas de bebida. Porém, uma análise mais detida dessa aparente desordem permite pensar sobre a singularidade das estratégias de ordenação e constituição de materialidades no manejo dos refugos urbanos. É nesse fulcro analítico que situamos as reflexões realizadas no presente artigo.

O estudo das materialidades corresponde a um campo de múltiplas perspectivas que variam segundo o grau de complexidade com que cada investigador consegue lidar em sua análise empírica (IHDE e SELINGER, 2003). Frequentemente usa-se o conceito de materialidades para aludir a objetos, tecnologias ou coisas, tendo como princípio a sua vinculação com os aspectos físicos ou não humanos (SORESEN, 2007). O conceito de materialidades não deve ser usado como sinônimo de não humanos, mas como indicativo de processos que se dão em relações de mútua constituição que resultam em atribuições de humanidade ou artefactualidade (LATOUR, 2005).

Assim, no presente artigo, quando falamos em materialidades não o fazemos para adicionar actantes não humanos, mas questionar qualquer separação *a priori* entre ambos, de maneira que materialidades são efeitos relacionais e não propriedades de uma ou outra entidade, até porque as linhas divisórias entre humanos e não humanos é bastante variável (LAW & MOL, 1995; SPINK, 2009; HOSKINS, 2006).

Para organização do argumento, no primeiro segmento, discutimos as atividades de coleta e reaproveitamento de refugos urbanos como operações de diferenciação. No segundo segmento, descrevemos o método utilizado e as bases teóricas que o fundamentam. Nos quatro segmentos posteriores, apresentamos estratégias colocadas em funcionamento para constituição e circulação de materialidades: regionalizações, (des) pontualizações, heterogeneidade e intercâmbio de inscrites. Por fim, à guisa de conclusões finais, discutimos como as situações analisadas contribuem para pensar a fluidez e heterogeneidade características das ordenações que se estabelecem na circulação e no reaproveitamento informais de refugos urbanos.

Catar, reaproveitar e comercializar: circuitos de propriedades transitórias

Lidar diretamente com o lixo constitui, em grande parte das sociedades, uma atividade considerada degradada e degradante (DOUGLAS, 1991). O lixo deve ser expurgado dos espaços de circulação e moradia. Mas, de maneira paradoxal, o mesmo lixo que quer ser deixado invisível também funciona como atrator de actantes - olhares, mãos, carrocinhas, cachorros e outros tantos - mobilizados em torno do ato de “catar” (LESSA, 2000).

Data do final do século XIX, a introdução dos catadores no cenário urbano brasileiro, quando eram conhecidos como “trapeiros” que se dividiam em catadores e atacadistas, cabendo aos primeiros a separação dos materiais no lixo e aos últimos a sua compressão e comercialização (VELLOSO, 2008). Essa dinâmica ocupacional valoriza o lixo visto não apenas como refugo, mas como possibilidade de geração de lucros.

A aceleração do descarte de objetos que deixam de ser considerados úteis ou mercadorias faz emergir uma intensa produção de refugos. Com o tempo de vida útil reduzido, os objetos são colocados em circulação, desta feita, quebrados, rachados ou apenas obsoletos. Homens e mulheres puxam carroças de madeira e cortam as ruas remexendo nas lixeiras ou caçambas; nos bairros populares, os quintais acumulam materiais coletados e precariamente armazenados para venda futura.

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais (2002), resíduos urbanos podem ser definidos como refugos, sobras ou detritos resultantes de atividade humana. Essa definição contempla as mais diversas matérias, abarcando restos de construção civil, areia, madeira, telhas, peças cerâmicas, pedras, ferragem, peças de demolição, bem como terra e vegetação proveniente de obras de terraplenagem e escavações (LIMA & SILVA, 2002).

Uma vez interceptado pela ação dos catadores, os resíduos urbanos adquirem valor mercantil, mobilizando coletivos heterogêneos que envolvem humanos e não humanos e determinadas formas de arranjo entre eles (LESSA, 2000). Na coleta e no reaproveitamento do lixo, as coisas desprovidas da sua funcionalidade original adquirem novos atributos: perdem em definição funcional, ganham em velocidade de trânsito. Os objetos descartados se tornam lixo; ao serem coletados e selecionados pelos catadores passam por um processo de classificação a fim de torná-los “puros” (matéria-prima) prontos para serem transformados em “não lixo” quando adquirem novas funcionalidades (propriedades).

Ao buscar uma definição não essencializante de mercadorias, Appadurai (1991) opta por utilizar a noção de mercantilização, salientando que as coisas, com menor ou maior velocidade, “podem entrar e sair” do estado mercantil. A definição de mercadoria trabalhada por Appadurai (1991) consiste em um rico aporte para pensar o comércio informal de resíduos urbanos, pois nessa situação o trânsito entre a *fase lixo* e a *fase mercadoria* é notório. A reflexão de Appadurai se ancora nas reflexões antropológicas acerca das biografias dos objetos que correspondem às múltiplas transformações pelas quais passam ao longo de sua circulação (HOSKINS, 2006).

Tendo como referência a teoria ator-rede, resíduos urbanos podem ser definidos como objetos-rede que surgem como efeitos de trajetórias em redes que têm no lixo um dos seus nós (MELO & SILVA et al., 2007). Na perspectiva ator-rede, os aportes das reflexões sobre biografia dos objetos são importantes, porém insuficientes porque pressupõem uma unidade de um dado objeto que possui uma biografia variável. Microanálises mostram que as variações nas configurações de artefatos, em determinados casos, fazem indagar se, de fato, poderíamos falar de um mesmo artefato ou se não estaríamos frente a diversos artefatos ligados entre si pela narrativa de quem os estuda (MOREIRA, 2000).

Alguns dos circuitos de trânsito entre as referidas fases são nomeados como *reciclagem*, outros, como no caso do comércio informal que estudamos, se juntam à

invisibilidade dos intercâmbios cotidianos, desprovidos de qualquer qualificativo que os ligue a finalidades sociais ou ambientais. Os objetos incorporam dinâmicas espaciais que conferem estabilidade e delimitam especificidades e agências – condições espaciais de possibilidade de existência (LAW, 1992).

Assim, independentemente das distintas nomeações são sempre necessários *contextos* para que algo venha a adquirir valor mercantil, não sendo uma propriedade inerente a qualquer objeto e sim o produto de trajetórias (ZANETI, SÁ & ALMEIDA, 2009). Melo et al. (2007), por exemplo, apontam que a emergência da “sucata” é bastante recente, servindo de material que deixa de ser considerada refugo e passa ser passível de empregos outros, adquirindo, inclusive, um novo *status*.

Objetos não se tornam lixo ou deixam de sê-lo por suas qualidades intrínsecas ou por sua lógica interna. Bauman (2003) lembra que todos os dias saem das fábricas um caminhão com produtos a serem comercializados e outro com refugos a serem dispensados nos lixões. O refugo, em sua impureza, deve ser enviado para longe do campo de visão dos moradores da cidade, o que dá origem aos temidos lixões. As empresas e pessoas contratadas para remoção do lixo efetuam seleções, separações e reagrupamentos de modo a conservar as fronteiras entre aquilo que é produto e aquilo que é refugo.

Catar, reaproveitar e comercializar o lixo envolve, inevitavelmente, diferenciar o que havia sido relegado à indiferenciação: manejo de produção de condições de heterogeneidade. Os objetos, uma vez descartados, adquirem estabilidade e singularidade por meio das relações e dos arranjos estabelecidos ao longo das trajetórias de circulação, nas quais estão envolvidas espacialidades e negociações sobre suas fronteiras. Nos circuitos informais, sendo um objeto-rede, o refugo não existe sem que seja colocado em funcionamento um trabalho informal e aparentemente desordenado (SPINK, 1989).

Notas metodológicas

Latour (2001) propõe que as ações dos engenheiros e artífices são sempre mediadas por materialidades. Recuperando a palavra grega *dedalion* usada para labirinto, formula o conceito de *Dedaliun*. Alusão a Dédalo, aquele que cria engenhocas, máquinas, artimanhas que o fazem escapar do próprio labirinto que construíra. Mais do que retas, Dédalo constrói desvios, atalhos em rotas que resultam de permutas entre humanos e não humanos. Lembremos que foi usando o trajeto executado por uma formiga errante que Dédalo, ao

prender um fio no frágil corpo do inseto, encontra uma forma de entrar e sair do labirinto. No nosso caso, os incidentes críticos funcionam como a formiga nos intrincados labirintos do comércio e do reaproveitamento informal de resíduos urbanos.

No presente trabalho, os incidentes críticos consistiram em situações que permitiram compreender as estratégias de constituição e mobilização de materialidades. São críticos porque tornam visíveis actantes, materialidades e conexões em redes. Durante o trabalho de campo, seguimos os actantes da rede durante três meses, procurando delinear itinerários do reaproveitamento e comercialização de resíduos urbanos. Realizamos sete visitas de observação, cinco entrevistas e duas sessões de registros fotográficos nas instalações de uma residência-fábrica-comércio improvisado mantida por um comerciante informal de resíduos urbanos que reside em município de médio porte do interior mato-grossense.

Os entrevistados não foram escolhidos de antemão, sendo definidos a partir do seu arrolamento ao longo das observações e entrevistas realizadas na residência-fábrica-comércio. Como apontam Melo e Silva et al. (2007), os depósitos de ferro-velho e lixões são alguns dos novos híbridos que surgiram nas redes que têm como um dos nós a questão do lixo e, justamente por isto, se fizeram presentes nos itinerários das materialidades mobilizadas no comércio informal de refugos urbanos. Para análise, selecionamos incidentes que permitissem ilustrar estratégias utilizadas na composição, circulação de materialidades no comércio e reaproveitamento de resíduos urbanos. Tendo em vista contemplar o objetivo delimitado, fizemos duas perguntas orientadoras: como materialidades são mobilizadas no comércio improvisado de resíduos urbanos? E o que acontece com as materialidades que são mobilizadas?

A pesquisa comporta as múltiplas relações que estabelecemos com aquilo que estudamos de maneira que o momento de análise das entrevistas consiste também em uma forma de “estar em campo” (SPINK, 2003). Dessa maneira, depois de analisarmos cada entrevista transcrita, não hesitamos em retornar ao espaço quando algum aspecto deveria ser explorado melhor. Não evitamos também atender às solicitações que se mostraram relevantes como a oferta de fotografias (que visavam facilitar a venda de objetos) e de “retratos” (que ele pudesse usar para mostrar as instalações à família), transformando-os, também, em objeto de análise.

Como argumentamos em pesquisas anteriores, a análise de incidentes críticos não coincide, necessariamente, com o estudo dos grandes eventos ou documentos considerados

importantes; pode coincidir com momentos ou documentos que do ponto de vista da história de uma área ou fenômeno pareçam mesmo insignificantes (GALINDO, 1999; GALINDO, RIBEIRO & SPINK, 2007).

Dessa maneira, as situações selecionadas não foram tomadas como representativas de uma série maior de eventos. Essas devem ser vistas como pontos de acesso a redes, pois, de outra maneira, suporiam uma concepção realista acerca da produção de conhecimento. Tendo em vista o caráter não representativo das situações analisadas, essas foram organizadas como fragmentos que não apresentam conexão causal entre si. Trata-se de fragmentos e não de partes, pois não se supõe qualquer totalidade a ser recomposta.

Regionalizações na arquitetura precária

Para compreender como lixo se transforma em mercadorias ou em material reaproveitável nos circuitos do comércio informal é necessário considerar as especificidades da forma de organização material das atividades, as quais diferem das rotinas formais das organizações institucionalizadas, ou seja, a dimensão topológica dessas práticas. É preciso considerar o território em sua mobilidade e evitar qualquer julgamento de valor associado às dicotomias entre limpeza/sujeira e ordem/desordem. Deve-se levar em conta que quando objetos são constituídos, relações espaciais estão simultaneamente sendo performadas (LAW, 1992), sendo, também, o inverso verdadeiro, ou seja, espaços delimitam condições de possibilidade e impossibilidade para a constituição de objetos. Assim, torna-se importante abordar a produção da espacialidade.

As instalações que analisamos não possuem limites claros em relação ao ambiente externo. A ausência de muros dá a sensação de estarmos atravessando “corredores” de um labirinto aberto sobre a rua, o que é complementado pela necessidade de contornar os materiais distribuídos na área aberta. A primeira impressão é de uma construção inacabada e desordenada, pois apesar de alguns trechos dos muros estarem em andamento, não chegam a delimitar fronteiras entre interioridade e exterioridade com relação ao ambiente externo e, de longe, avistam-se amontoados de materiais. Pedras, areia, carcaças de computadores, madeiras, restos de construções, máquinas destruídas, restos de móveis formam as paredes instáveis desse labirinto.

Delineia-se um arranjo complexo no qual convivem distintas ordenações, pois como aponta Spink (2009), “Quando, ao invés de *ordem*, descobrimos que há uma diversidade de

ordens (maneiras de ordenar, estilos, lógicas, repertórios, discursos), a dicotomia entre simples e complexo começa a se dissolver”. (SPINK, 2009, p. 14).

Nas instalações, a dinâmica de funcionamento do comércio informal evoca a complexidade do cotidiano do laboratório científico no qual há divisão de espaços, máquinas para transformação de matérias e produtos finais (LATOURE & WOOLGAR, 1997; LAW e MOL, 2002). Mas, diferentemente do cientista que busca legitimação na construção de fatos, temos um negociante informal com permissão provisória de ocupação do solo, preocupado com o incremento dos pequenos lucros do comércio. Os objetos descartados, diferentemente dos fatos científicos, são móveis mutáveis, pois sendo refugos, pouco importa as formas que venham a adquirir ou as propriedades que venham a ser alteradas.

A despeito da impressão de aparente desordem, o espaço possui uma ordenação. A observação mostra uma complexa dinâmica de ordenação que pode ser nomeada, não dicotômica, como “ordem na desordem”, performada através de regionalizações do espaço. Assim, num mesmo espaço convivem o espaço ordenado das “fábricas” e o amontoado de parafernália do trabalho de coleta de resíduos.

Por regionalização entendemos o “arranjo bem delimitado de regiões separadas por fronteiras. Dentro de cada região, você encontra similaridades. Diferenças são também encontradas entre regiões” (SORESEN, 2007). Na construção da “ordem na desordem”, observamos regionalizações que dividem o território em sete partes caracterizadas por ordenações singulares: 1) “fábrica” de pias e baciões; 2) “fábrica” de pias; 3) “fábrica” de manilhas; 4) construção não terminada (quarto de sua mãe); 5) dormitório; 6) bar; e 7) espaço onde se espalham os materiais, ferros e objetos encontrados.

Para Soresen (2007), a separação entre regiões se dá a partir da configuração performativa de padrões de relações. Analisando uma sala de aula infantil, a pesquisadora mostra como o quadro negro, espaço principal do professor, se separa do restante da sala, espaço dos alunos. As diferenças entre as regiões são materializadas em práticas como acesso a pincéis atômicos e a redigir no quadro. Ao entrar na região do quadro negro, o aluno sabe que está cruzando uma fronteira, o mesmo se dá quando o professor sai do quadro em direção à região dos alunos.

Na arquitetura improvisada encontramos uma forma de organização aberta e complexa que incorpora o entorno como parte da sua dinâmica. Assim, a constante movimentação dos carros de polícia que passam pelo local para ir até a cadeia é traduzida como “segurança

particular”. Nos dias de visita ao presídio, o grande número de pessoas ociosas pelas redondezas passou a ser arregimentado como frequentadores do pequeno bar montado nas instalações.

A noção de ator-rede circunscreve simultaneamente um ator cuja atividade consiste em conectar (em redes) elementos heterogêneos e uma rede – em si mesma – que é capaz de redefinir e transformar aquilo que a constitui. Não é redutível nem a um ator, nem a uma rede (LAW, 1992). Desse modo, as regiões não devem ser confundidas com redes que unem elementos perfeitamente definidos e estáveis, pois as entidades que as compõem podem redefinir sua identidade e suas mútuas inter-relações ou ainda importar novos elementos.

(Des)pontualizações na constituição de materialidades

Para a coleta de resíduos, ou seja, para a “cata”, não há programação de dias certos, nem pontos fixos a serem percorridos. Segundo o negociante nos diz, geralmente dá um “*giro de bicicleta*” à procura de objetos que podem ser usados. Ele faz isso quando “sobra um tempo” ou quando não existem encomendas solicitadas. Muitas vezes, quando sai para fazer uma entrega num bairro ou em outro lugar, conta com o acaso do encontro de materiais reaproveitáveis ou mesmo com uma nova remessa de materiais que chega ao lixão.

Pesquisadora: É... Aquele lá, aquele computador lá.

Negociante: Ah, esse daí é... Oficina que leva pra... Pro lixão, e eu pego com eles lá, às vezes... Quando eu tô por ali, alguém encosta a caminhoneta ali, tal, aí quando eu vou ver, vai jogar resto de oficina ali onde tem essas coisas de computador. Aí eu já separo isso aí o que é pra... Ferro, né e jogo pra fazer troca e o que é cobre eu separo pra vender na cidade.

Na coleta há um jogo complexo entre aquilo que é encontrado e aquilo que é necessário para alguma atividade; aquilo que é encontrado e aquilo que pode ser comercializado. Muitas idéias de reaproveitamento de objetos ou materiais passam pelas funcionalidades habitualmente conferidas aos objetos, isto é, às pontualizações, outras idéias efetuam verdadeiras inversões. Law (1992) define pontualizações como modos de simplificação de uma rede. Ou, ainda, uma rede agindo como um único bloco, sendo encoberta pela própria ação ou pelo seu autor percebido como único atuante na ação. A ação inversa pode, por extensão, ser definida como despontualização que corresponde à complexificação de objetos por meio de mudanças em suas propriedades ou finalidades.

Destacam-se dois processos que interagem na ação da coleta dos resíduos: o primeiro corresponde à coleta do material partindo da suposição de que esse poderá ser usado futuramente em algum projeto ainda não planejado ou pensado. É o material sem idéia de uso ao qual é reservada uma área específica na qual consta uma placa com a inscrição “*de colocar bagunça*”.

Pesquisadora: Cada vez que o senhor pega, o senhor já sabe o que vai fazer com aquilo, mais ou menos?

Negociante: É... Porque... A vista a gente fica aqui um determinado tempo, a gente já... Pensa assim esse aqui eu já vou fazer aquela cobertura, ou aquela cerca né, eu vou fazer... Vamos dizer assim... Uma... Parte onde eu vou colocar ali um fugão, ou alguma coisa, né? Que nem aquela cobertura ali aí... Eu pego e já... Faço.

O segundo, por sua vez, equivale à coleta de material para ser usado imediatamente em um projeto em andamento, atendendo a uma necessidade ou a interesse que precedem a coleta.

Pesquisador: Além dos ferros, outros materiais que o senhor traz, senhor traz e acha utilidade depois ou o senhor já pega, já pensando no que o senhor vai usar, com as madeiras, telhas assim?

Negociante: Não, a madeira é que nem... vamos dizer, eu to precisando de comprar é.. madeira pra fazer uma cobertura ali, né? Então pra fazer essa cobertura vou precisar de 4 esteio, e.. 2 viga de.. 6m e 4 caibro. Quando eu vejo uma madeira que tenha como eu emendar uma com a outra e fazer aquilo ali, pra não precisar comprar, aí eu trago né, prego ela e faço.

Na primeira estratégia o projeto é moldado e adaptado de acordo com os materiais encontrados e selecionados em meio aos refugos. Na segunda, os materiais são moldados para se adaptarem a um projeto anterior, dando-se uma coleta planejada. Mas, em ambas, os objetos são abertos a trabalhos constantes de transformação. Nenhuma traquitana ou invencionice a partir do lixo é simples (BRANDÃO & SEQUEIRA, 2009).

A visualização de possibilidades de linhas de fuga em cada objeto permite uma ampla gama de opções para reaproveitamento de materiais. Colocados em um plano virtual (num espaço-tempo daquilo do que podem vir a se tornar), os objetos, em estado de refugos urbanos, adquirem fluidez quanto à forma e à potência de circulação.

Heterogeneidade e ductibilidade: os “ferros” como mercadoria

O ferro é um material de alto custo, valorizado no mercado informal dos resíduos urbanos em função da sua ductibilidade que permite diversas transformações e aplicações na indústria. Além disso, o ferro, sendo considerado limpo, adquire maior mobilidade que os restos orgânicos considerados sujos, os quais, no caso em que analisamos, servem de comida

aos cachorros. Nesse segmento exploramos a hipótese de que, no mercado informal de resíduos urbanos, há vários tipos de ferro e não apenas um tipo de ferro usado de modo diferente em distintos contextos. Propomos também que esses tipos de ferro mantêm entre si conexões cujos pontos de articulação são, justamente, os contextos de coleta e de comercialização - pontos de passagem obrigatórios nos circuitos do reaproveitamento de resíduos.

No mercado informal analisado, o que se entende por ferro não corresponde à composição físico-química do composto no contexto tecnocientífico. Na coleta, em meio aos materiais que encontra nas ruas, o nosso negociante identifica tipos de ferro que separa em dois grupos: 1) aqueles que pode utilizar diretamente na construção de manilhas, pias e baciões, “*é os ferro pra construção, é o 4.2, 5/16, três oitavo*” e 2) “outros ferros”, os quais, depois da acumulação de uma dada quantidade, podem ser trocados.

Nem sempre o ferro é visível e são necessárias operações para que esse seja “purificado” do conjunto, o que pode ser visualizado no modo como lida com carcaças de computadores.

Pesquisadora: É... Aquele lá, aquele computador lá...

Negociante: Às vezes, quando é fio... Separado aqui, que num é motor... E eu ponho fogo e separo o cobre do... Dos plásticos, entendeu? Aí eu junto aquilo ali, eu... As impurezas, aí eu vendo pras sucatas. Igual aqueles motor ali, tem algum que serve pra mim fazer alguma coisa, né? Até veio um rapaz aí e comprou um motor daqueles ali por 30 reais.

A cada dois quilos de material que reúne, o comerciante troca por um quilo de ferro no ferro-velho da região, usando o material obtido para fabricar suas peças. O ferro-velho atua como atravessador entre aquele que cata o material e os destinatários finais, isto é, as empresas que processam os materiais. A hierarquia se materializa nas tecnologias que cada um deles dispõe. Assim, aqueles que atravessam, devem possuir a prensa que, quando necessário, compacta o material a ser transportado e, também, veículos para a coleta de grandes quantidades (MEDEIROS & MACÊDO, 2006; 2007). Veja-se a fala do dono do ferro-velho com o qual o negociante efetua trocas e vendas:

Pesquisadora: Eles já trazem o ferro separado?

Proprietário do ferro velho: Não, eles juntam um monte, entendeu? Só que assim, pra mim comprar deles, a lata é um preço, e o ferro pesado é outro. Por quê? A lata eu tenho que pensar... Tem a prensa, tem o custo pra poder pensar, tem energia, tem essas coisas... Então ela é um pouquinho mais barato... Mas é diferença de dez, vinte centavos.

Apesar de manterem relações diretas entre si, o ferro-velho não se “mistura” com o lixo, mantém-se “puro”, propriedade essa que não consegue ser mantida pelos catadores. Desse modo, o proprietário do ferro velho descreve a atividade dos catadores como um “trabalho sujo”:

Pesquisadora: É... A gente também visitou uma casa que era bem assim... Os ferros num canto...

Proprietário do ferro-velho: É... Eles vivem disso aí... E vivem bem no local... É assim, um trabalho sujo, mas dá uma ajudada legal pra eles.

Mesmo que adquira valor mercantil, o lixo e aqueles que lidam com ele não se livram completamente da desqualificação que o acompanha. Num intercâmbio de propriedades, os catadores, são considerados “impuros” tal qual o lixo que manipulam. Velloso (2008) observa que alguns garis responsáveis pela coleta direta de lixo se queixam de que, mesmo na chuva, não podem entrar na cabine onde ficam os motoristas do caminhão coletor, pois estes reclamam que sua presença “suja” o carro.

Os “ferros” coletados no lixão se articulam às dinâmicas globais de venda de produtos. Um exemplo claro disso pode ser mais uma vez ilustrado na resposta do proprietário do ferro velho que quando indagado sobre o preço que paga, por cada quilo de ferro, alude à crise global, especialmente, ao mercado chinês. Como tudo está engendrado nessa grande rede, a economia global participa da definição do valor e da funcionalidade do material no mercado e, portanto, daquilo que no lixo pode ser reaproveitado.

Pesquisador: É... O preço assim, do ferro, é tipo um preço fixo, ou ele vai variando conforme alguma força maior...?

Proprietário do ferro-velho: Não, ele depende do mercado, o preço quem determina é a usina, no caso, a siderúrgica. Mas assim, na verdade não é a usina, é a exportação, né? Ou consumo muito grande de ferro e aço... Aí... O preço vai aumentando...

Pesquisadora: Até os catadores de lixo são influenciados pelo dólar então, né! [risos]

Proprietário do ferro-velho: É! Exatamente. O dólar. É exportação. A China... Eu acho que é a China que manda mais isso aí... Mas agora tá uma crise muito grande... A crise mundial, e o aço pegou assim... A Gerdau que é lá do Rio Grande do Sul tá numa crise, eles tão evitando de comprar sucata... Nós já estamos já desde outubro mandando uma carga ou duas por mês só, que era duas, três por semana...

O ferro que é comprado pelo proprietário incorpora novas preocupações com a segurança do estabelecimento, o mercado global e a demanda da clientela.

Pesquisador: Uma parte do trabalho é assim, pra tentar mesclar a realidade do seu trabalho com a realidade desses indivíduos, catadores e tal. (...) Só que a gente não sabe como são separados em categorias, ou tudo misturado junto, como que é?

Proprietário do ferro-velho: É assim, vou explicar como que funciona o ferro velho: primeiro, a gente trabalha com resíduos de metais, só com metais, aqui no caso eu não trabalho com metais finos, que é alumínio, cobre... Essas coisas, porque eu já evito trabalhar com isso porque dá muito problema de roubo, o pessoal vem vender aqui até panela com resto de comida às vezes, é uma coisa assim bem, então a gente só trabalha com ferro mesmo, aço, eu só vendo pra siderúrgica, eu mando para a Cerolbital que é a antigo Belgomineira, então no caso eu compro de fazenda, indústrias, empresas, só que sempre aparece esse pessoal que recolhe na rua, e a gente fica com dó porque é um pessoal bem simples, é, a gente percebe que eles sobrevivem disso, entendeu, então, é.

Assim, as propriedades dos “ferros” adquirem estabilidade de modo relacional, mantendo conexões parciais ao longo dos circuitos de circulação que perfazem. São tão distintos uns dos outros que se torna difícil pressupor que se trate de um mesmo ferro uma vez que não performam o mesmo tipo de arranjos. Estamos longe de objetos contínuos e estáveis (MOREIRA, 2000).

Fotografias: apropriações de tecnologias de inscrição

Durante as visitas às instalações, realizamos fotografias do local com objetivo de registrar a disposição dos objetos no terreno e captarmos as oscilações do constante movimento das materialidades mobilizadas. As fotografias serviriam apenas para a análise e ilustração do argumento a ser desenvolvido. Entretanto, recebemos a solicitação de que produzíssemos algumas que o comerciante gostaria de enviar à família.

Depois de retiradas as fotografias, o computador portátil foi levado e, sentados perto da mesa de sinuca, fizemos, junto com o comerciante, a seleção das imagens que deveriam ser impressas. Enquanto mostrávamos as fotos, nos pediu que fotografássemos seus produtos prontos para que pudesse levar suas imagens às lojas e aos clientes. Ao invés de levar as pias e manilhas de bicicleta, poderia levar as fotografias, explicou ele. Argumentou que as fotos poderiam substituir o trabalho pesado de carregar as mercadorias para mostrar aos clientes, pois essas são grandes e pesadas, sendo difícil transportá-las na bicicleta que possui. O transporte de materiais consiste em um obstáculo importante no cotidiano dos catadores uma vez que, na maioria das vezes, contam apenas com carroças e bicicletas (VIANNA, 2000).

Com esse intercâmbio, um dispositivo caracteristicamente científico – a produção de inscrições – é apropriado como parte da estratégia de comercialização. As imagens permitem que um objeto (ou uma forma) possa ser transportado sem perder as suas características principais. A ideia aqui é de ativação de móveis imutáveis, conceito desenvolvido por Latour

e Woolgar (1997) para estudar o cotidiano de um laboratório, no qual mostra como materiais, pessoas, correspondências se alinham ao principal produto da atividade – a publicação de artigos que são produzidos a partir de inscrições.

No caso em estudo, as fotografias se tornam artefatos mediadores das pias e manilhas, assim como as pias e manilhas foram artefatos mediadores de ferros e objetos separados (matéria-prima de trabalho), e que por sua vez, foram os artefatos mediadores dos resíduos urbanos (matéria hibridizada, heterogênea, não separada). Materializam um deslocamento de inscritesores do contexto científico (registro na pesquisa) para o contexto comercial (mostruário na venda).

No contexto científico, a inscrição permite alinhar as distintas atividades que se desenvolvem no interior do laboratório. Sem elas, não haveria como registrar dados, anunciar um resultado ou mesmo ter acesso a outras pesquisas (LATOURE & WOOLGAR, 1997). No comércio, os mostruários cumprem o papel de simplificar a exposição de mercadorias. Não comprovam, expõem de modo a estimular a compra. Com o mostruário, não é necessário que o cliente se desloque até o estoque, ou que todas as pias fiquem no interior da loja: "não temos aqui na loja, mas você pode ver no mostruário", ouve-se com frequência, no comércio.

Com a fotografia, as pias e manilhas perdem sua substância original (cimento, cal, brita, etc.) e passam a ser inscritas em imagens (papel). Essa imagem está em agenciamento com a pia concreta, mas já se configura como uma materialidade singular que permite, potencialmente, uma ação a distância, permitindo que o arranjo financeiro possível – o pagamento adiantado - tenha maior êxito, pois há uma comprovação do material produzido.

Comerciante: Ah, as fotos eles gostaram visto eu fazer umas peças diferente agora com material... Eu só faço sob encomenda, a pessoa adianta o dinheiro e...

Pesquisadora: Aquele branco, né?

Comerciante: Material, é... Porque é mais caro, então eu mostrando as fotos daquelas peças, o pessoal gostou, né? E até depois que eu mostrei eles já tiveram aqui e inclusive eu já vendi R\$180,00 daquelas peças através das fotos.

Nessa operação, as fotografias passam a ser integradas à comercialização precária marcada por relações de confiança que não são pautadas por contratos formais. Móveis imutáveis, as fotografias transportam as pias e manilhas que antes tinham que ser levadas de bicicleta aos locais de venda. Actantes da rede, os pesquisadores são arregimentados como inscritesores para além da atuação como pesquisadores (SPINK, 2009; MORAES, 2008). O gênero de fotografia que serviu de referência para as imagens produzidas foi aquele corrente

no comércio: as peças foram dispostas como se estivessem em um expositor, bem como foram selecionados determinados ângulos. De artefato utilizado para produção de imagens científicas, a máquina fotográfica passa a atuar como uma tecnologia de produção de imagens comerciais.

Considerações finais

A organização material das instalações que analisamos integra as zonas cinzentas dos espaços informais. Assim, a organização do espaço se dá por meio de dinâmicas de regionalização e de transformação que produzem uma espacialidade variável vinculada a objetos que, perdidas as suas funcionalidades originais, adquirem maior fluidez. Mais do que uma ordem ou uma desordem total, diversas ordenações são colocadas em funcionamento – a da fábrica, a do bar, a do comércio. Torna-se claro também que a aparente precariedade e desordem das instalações analisadas se mostra vinculada a complexas estratégias de constituição, mobilização e circulação de materialidades cujos contornos são variáveis.

Acompanhando a rede, observamos que os diferentes materiais são efeitos interativos, sendo resultantes de processos que nos fazem questionar sobre a sua estabilidade ontológica. Devemos falar um mesmo material (ferro) com usos distintos? Ou, ao contrário, devemos falar em diversos objetos (ferros) a cada uso distinto? Optamos por responder afirmativamente à segunda indagação, pois na mobilização do ferro, coexistem múltiplas materialidades e não apenas uma como se poderia pensar. Invenções e inversões que mobilizam “ferros” e suas agências variadas cujas configurações dependem das variações de valor, ductibilidade e gradientes de durabilidade. Quando os “ferros” transportados pelos caminhões chegam à siderúrgica, possivelmente, novas estratégias de seleção e classificação são postas em ação, performando outros “ferros” que, talvez, voltem a se aproximar do sentido que possuem na tecnociência.

Ao longo da análise percebemos ainda que a fluidez das estratégias empregadas é responsável pela capacidade de manutenção das múltiplas ordenações em torno dos objetos inseridos nos circuitos, principalmente, do reaproveitamento. De Laet e Mol (2000) chegam à conclusão semelhante depois de analisarem o uso cotidiano de um artefato técnico mecânico – uma bomba de água. As autoras estudam a trajetória desse artefato em comunidades pobres do Zimbábue e observam que, apesar de ser mecânico, o objeto tinha fronteiras fluidas, vagas

e mutáveis. Aliás, concluem que o emprego da bomba teve êxito justamente por isso, pois permitia a manutenção e reposição com ferramentas e peças improvisadas.

Ainda que as práticas de coleta e de reaproveitamento envolvam diferenciação, “não importa o quanto se tente, a fronteira que separa o ‘produto útil’ do ‘lixo’ é uma zona cinzenta: um terreno da indefinição, da incerteza e do perigo” (BAUMAN, 2003, p. 39). Diferentemente dos objetos funcionais, os objetos do lixo têm como característica principal a sua potência de transformação, pois perdem a funcionalidade que os vinculava a determinados circuitos de produção, circulação e consumo (WALTY et. al, 2004).

Os objetos do lixo, ou melhor, na sua configuração ontológica como lixo, uma vez mobilizados pelos circuitos informais de comercialização e reaproveitamento, colocam-se em estado de (des)invenção como a própria arquitetura improvisada, criada a partir do seu enredamento em arranjos transitórios que tornam insuficiente o emprego de narrativas tecnológicas focadas em objetos estáveis e unitários, bem como o emprego de estratégias de ordenação fixas por aqueles que as manejam. As estratégias de ordenação colocadas em funcionamento para constituição e circulação de materialidades nos circuitos informais são suficientemente capazes de responder às dinâmicas de fluidez que caracterizam a complexidade mobilizada em torno dos refugos urbanos.

MATERIALITY, ORDINATIONS AND FLUIDITY AROUND THE URBAN WASTE

Abstract

This article aims to discuss the strategies put in place to set up and use of material in the informal market and reuse of waste that create the conditions of possibility for the emergence of flowing space and objectual ordinances. Were performed seven observation visits, five interviews and two rounds of photographic records on the premises of a house-plant trade by an improvised maintained informal trader of municipal waste, living in medium-sized city in the interior of Mato Grosso. We analyzed four strategies put in place to set up and use of material: regionalization, (un) punctualizations, handling of heterogeneity and exchange of inscribing. We conclude that the strategies put in place order to set up and use of material in the informal are sufficiently capable of responding to dynamic fluidity that characterize the complexity mobilized around the urban waste.

Keywords: materiality, ordinations, urban waste.

Referências

APPADURAI, A. (org.). *La vida social de las cosas. Perspectiva cultural de las mercancías*. México, D.F.: Grijalbo, 1991.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRANDÃO, L. e SEQUEIRA, R. Inventos precários, preciosidades poéticas. In: *V Encontro de estudos multidisciplinares em cultura*. Salvador: 2009.

CALLON, M. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. *Sociologias*, Porto Alegre, n.19, Jun. 2008.

DE LAET M.; MOL A. The Zimbabwe bushpump: mechanics of a fluid technology. *Social Studies of Science*, n. 30, p. 225 – 226, 2000.

DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu*. Lisboa: Edições 70, 1991.

GALINDO, D. *Dados científicos como argumento: o caso da redução de parceiros sexuais em aids*. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social (PUCSP), São Paulo, 1999.

GALINDO, D.; RIBEIRO, F. ; SPINK, M. J. P. . *Incidentes críticos como ponto de partida para desembrulhar redes*. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 2007, Rio de Janeiro. Diálogos em Psicologia Social. Rio de Janeiro: 2007. v. 1. p. 1-1.

IHDE, D.; SELINGER E. *Chasing technoscience: matrix for materiality. Philosophy of technology*. Bloomington. Indiana University Press. p. 1-12, 2003.

HOSKINS, J. Agency, Objects and Biography. *Handbook of material culture*. Londres/Nova York: Routledge, p. 74-85, 2006.

LATOUR, B. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: Edusc, 2001.

LATOUR, B. *Reassembling the Social*. Oxford: Clarendon, 2005.

LATOUR, B.; WOLLGAR, S. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAW, J. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. *Systems Practice*. n. 5, p. 379-393, 1992.

LAW, J. & MOL, A. Notes on Materiality and Sociality. *The Sociological Review*. v. 2 n. 43, p. 274-294, 1995.

LAW, J. & MOL, A. (Orgs). *Complexities: social studies of knowledge practices*. Duke University Press, 2002.

LESSA, C. Os ovos da serpente (Prefácio). In: BURSZTYN, M. (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

LIMA, S. & SILVA, P. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

MEDEIROS, L. e MACÊDO, K. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia e Sociedade*, v. 18, p. 29-38, 2006.

MEDEIROS, L. e MACÊDO, K. Profissão: catador de material reciclável entre o viver e o sobreviver. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 03, p. 72-94, 2007.

MELO, M. e SILVA, M et al. Sucata vira brinquedo: tradução a partir de restos. *Psicologia e Sociedade*, vol.19, n.2, p. 114-121, 2007.

MORAES, M. A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em Psicologia Social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais. *Psicologia e Sociedade*. n.20, p. 41-49, 2008.

MOREIRA, T. Translation, Difference and Ontological Fluidity: Cerebral Angiography and Neurosurgical Practice. *Social Studies of Science* 30, p.1926-45, 2000.

SORESEN, E. *The time of materiality*. Forum: Qualitative Social Researchf v.08, n.01, janeiro. 2007. Disponível em:<<http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-07/07-1-2-e.htm>> .Acesso em 06 set. 2009.

SPINK, P. A forma do informal. *Psicologia e Sociedade*, v. IV, n. 7, p. 99-107, 1989.

SPINK, P. Pesquisa de Campo em Psicologia Social: Uma Perspectiva Pós-Constructivista. *Psicologia e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 18-24, 2003.

SPINK, M. Do rato não! Materialidades e socialidades na compra de cigarros. *Psico (PUCRS. Impresso)*, v. 40, p. 110-120, 2009.

VELLOSO, M. Os restos na história: percepções sobre resíduos. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 6, Dez. 2008.

VIANA, N. Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce. *Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás*. 27, 407-691, 2000.

WALTY, I.; SANTOS, M. E FERREIRA, T. *De lixo e bricolagem*. Alceu (PUCRJ), Rio de Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 31, ago./dez. 2009.

Janeiro, v. 5, n. 9, p. 62-76, 2004.

ZANETI, I. SA, L. e ALMEIDA, V. Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. *Soc. estado*. Brasília, v. 24, n. 1, Abr.2009.

Data de recebimento: 25/10/2009.

Data de aceite: 07/12/2009.

Sobre os autores:

Dolores Galindo é Doutora em Psicologia Social PUCSP, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Professora do corpo permanente do Mestrado em Estudos da Cultura Contemporânea e do curso de Psicologia, ambos da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pesquisadora do Grupo Práticas Discursivas e Produção de Sentidos PUCSP.

Alice Streit é Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR).

Brine Matos é Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR).

Bruno Santos é Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR).

Elarita Caroline é Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR).

Luciana Rosa é Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR).

Rita Borges é Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR).